Ano XI — Lisboa, 23 de Janeiro de 1936 — N.º 522

Pim Pam Pum!

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

DOM LAGARTO E SENHORA LAGARTIXA

Por LEONOR DE CAMPOS

Dom Lagarto Pintado tomava o seu banho de sol, quando aconteceu passar perto a senhora Lagartixa Rabicha. Esta, muito azafamada, andava numa roda viva, daqui para alí, dali para acolá, a tratar da vidinha. Mas, ao vêr dom Lagarto Pintado, indolentemente estendido ao sol, não quis deixar de cumprimentá-lo. Para isso estacou junto dêle e dirigiu-se-lhe com o melhor dos seus sorrisos:

— «Ora viva, senhor primo!...».

Dom Lagárto mirou a senhôra Lagartixa com certo desdém e retorquiu:

— «Primo?! Primo de quem?».

— «Meu primo, pois então? Não pertencemos nós à mesma e respeitável família dos faunos?».

— «Arréda! — exclamou, desdenhoso e insolente, dom Lagarto Pintado. — Eu não sou quem você julga. Sou fidalgo e gran-senhor. Não trabalho. E você, sua pobretona, passa a vida a cirandar, sem descanso. Está vendo bem a diferença?».

— «Eu não senhor!...».

— «Pois olhe que está bem patente!... E se

você a não vê é porque, coitadita! é estupidazinha. Mas eu tenho dó de si e vou explicar-lhe a diferença que há entre uma senhora Lagartixa Rabicha qualquer e dom Lagarto Pintado. Principiemos pela nossa côr. Eu sou vêrde, vêrde como a érva fresca do prado. E você?».

— «Eu sou cinzenta!...».

O Lagárto sorriu, com ares superiôres:

— «Vê? Primeira diferença. Mas há mais: Você já viu algum Lagárto andar nessas corre-

rias em que vocês andam, suas insignificantes lagartixas?.

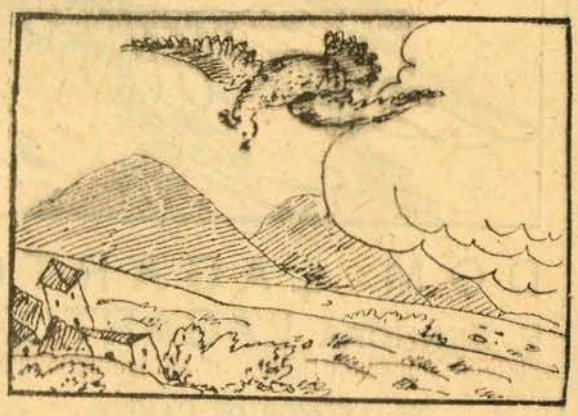
— «Não. Lá isso é verdade!...».

— «*Tá* claro. E sabe porquê? Porque, como há pouco lhe disse, nós, os Lagártos, sômos fidálgos. E o verdadeiro fidálgo não corre. Move-se com dignidade, arrastando a cáuda...»

— «Ah sim? Mas então, para fugir ao inimigo, dom Lagarto não corre?».

— «Para fugir ao inimigo?!... «Ora aí está a maior, a suprêma diferença entre nós ambos. Vocês, as Lagartixas fógem ao inimigo. Nós, os Lagártos, obrigamos o inimigo a fugir...».

Nêste momento, um Milhafre que pairava na-



queles sítios, viu o Lagárto e a Lagartixa. Rápidamente desceu.

A senhora Lagartixa Rabicha, ágil e habituada a corrídas de velocidade, num pronto se escondeu debaixo duma pédra. Mas Dom Lagárto Pintádo, fidalgo e preguiçoso, não sabia correr. Aínda tentou escapar-se, para se escondêr. Mas era tarde. O milháfre agarrou-o no bico e levou-o.

EXPERIÊNCIA FÍSICA

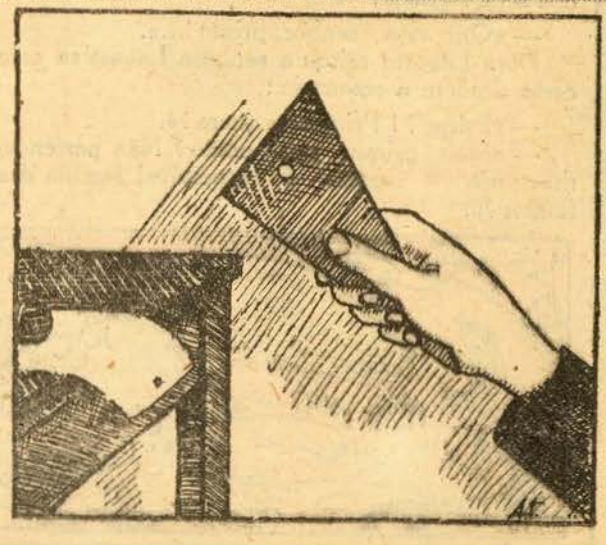
A RESISTENCIA DO AR

Coloca-se, na extremidade de uma mesa e prêsa por um pêso qualquer, uma fôlha de papel, tendo pendente a sua maior parte. Prèviamente, tem-se deixado escapar alguns pingos de lacre sôbre ela e a um centímetro, mais ou menos, dá extremidade que fica de fóra.

Pregunta-se, então, a alguns amiguinhos se, com um esquadro na posição que mostra o desenho junto, serão capazes de visar o alvo (os tais pinguinhos de lacre).

Claro é que tal facto se torna impossivel, visto o ar ser deslocado pelo movimento do esquadro, expulsando a fôlha de papel, que se abaixa.

O esquadro encontrará sempre o vácuo, por mais esforços que façam para verem satisfeito o seu desejo, atribuindo o seu fracasso, erradamente, talvez à falta de destreza ou pontaria.



A senhôra Lagartixa, então, deitou a cabecita fôra do buraco, onde se ocultara. E esfregando as patitas dianteiras uma na outra, comentou, satisfeita:

— «Olha do que eu me livrei, hein? Bem haja a minha mãi que me tornou desembaraçada e expedita, embora com prejuizo das fidalguias da família.

Dom Lagárto, com as suas prosápias, está a estas horas no pápo do Milhafre. Enquanto que eu estou aqui vivinha e sã, a gozar, regaladamente, o bom e rico solzinho, amigo de todos os bichos em geral e das Lagartixas Rabichas, em particular.

FIM

VAIDADES... SUINAS

Por LAURA CHAVES

Em dez léguas em redor
não havia outro partido,
nem mais rico, nem melhor
que a Bacorinha Grunhido,
filha querida, adorada,
de D. Suino Trombada.

De que nobreza selecta
o tal D. Trombada é!
Descendente em linha recta
do porco que o pai Noé,
o bondoso patriarca,
tinha levado na Arca.

Se o quizerem ver zangado,
estrebuchando de borco,
grunhir, sem linha, danado,
é tratarem-no por porco.
Com ordinárias maneiras,
diz, perdendo as estribeiras:

—Os porcos são vilanagem
que a história nem sequer marca!
Bichos reles, sem linhagem,
que não descendem da Arca!

(Continua na pagina 8)

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

Querida Ninita

A tua enternecedora cartinha faz-me pensar em ti com imensa simpatia. Gostava de conhecer-te, Ninita! Ficaste, então, cheia de pena, por não te ocorrer a idéa de teres arranjado umas roupinhas novas para os teus bébés estrearem no dia do Ano Novo!

Sim senhorá, era realmente uma idéa engraçada, mas não estejas triste porque a todo o tempo é tempo, e é com a maior alegria que hoje te dou o modêlo dêsse bibezinho.

Como me dizes que a tua «Zizi» é loira, deves escolher para o seu tipo, a côr azul clara.

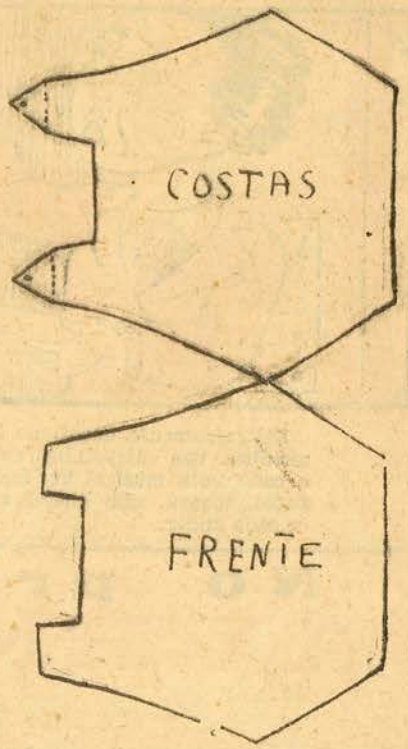
O molde ensina-te a cortar o bibe com tôda a facilidade. Costuras não há.

Com uma agulha de *crochet*, fazes um *picot* todo em volta de cada lado.

Quando tiveres os dois lados prontos; pregas um botão em cada ombreira da frente e fazes as respectivas casas nas ombreiras detrás, para, assim, poderes abotoar o bibe.

Na altura da cintura, cóses umas fitas, para fazeres uns laçarotes que enfeitarão e completarão o conjunto.

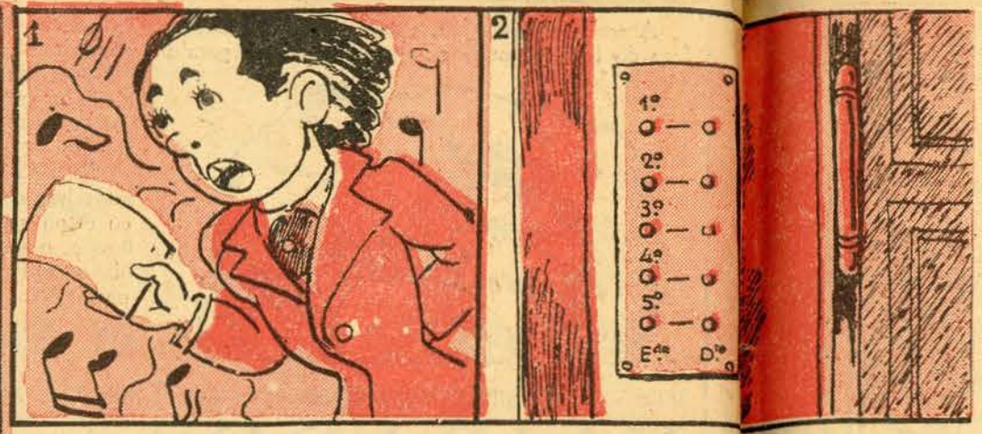
Que linda vai ficar a «Zizi»!



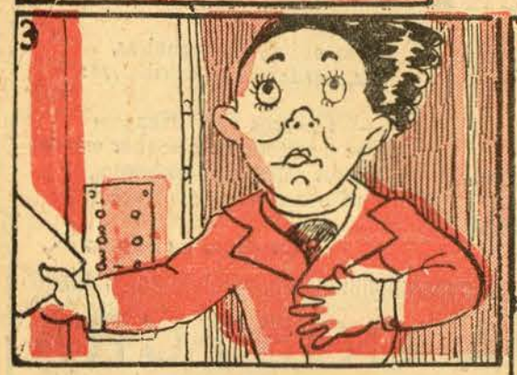
Recebe um grande abraço da

ABELHA MESTRA

Zé Distraído Cantor

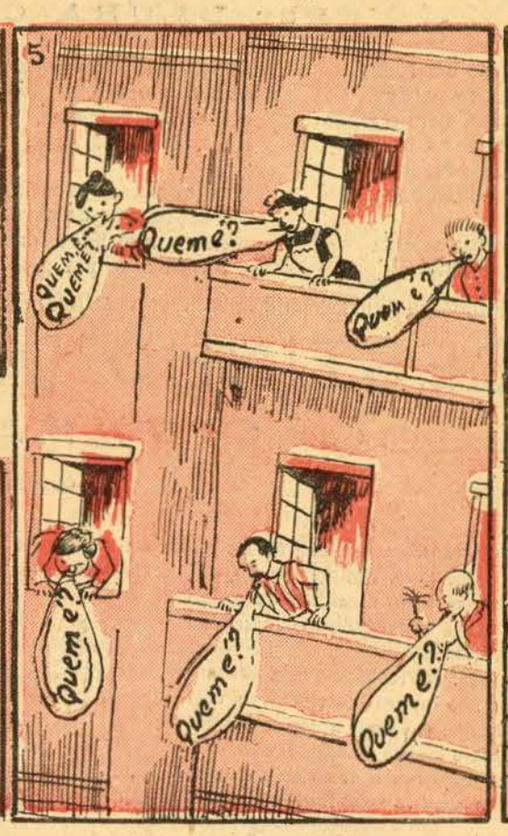


Zé Distraído era um cantor deveras inspirado mas bastante lunático.

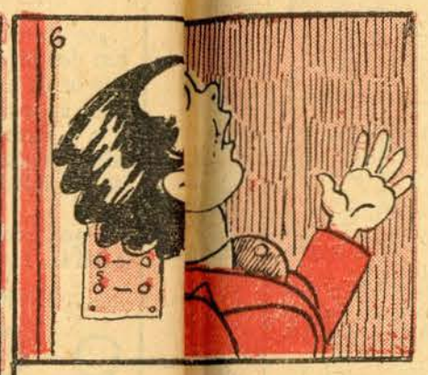


Um dia, parou junto dum prédio de quatro andares e, encostando-se ao umbral da porta começou a compôr uma canção popular.

Distraídamente, encostado à chapa metálica das campainhas do prédio, a cada nota musical que escrevia no papel, tocava, sem querer, no botão de cada andar.



Entretanto, abriam-se tôdas as janelas do prédio e os moradores dos vários andares, apareciam preguntando ao mesmo tempo:—*«Quem é, quem é, quem é?...»*



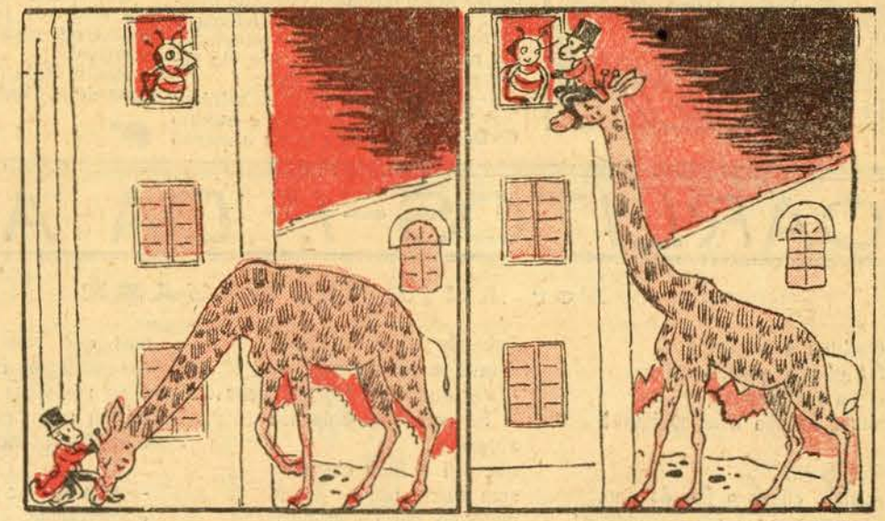
E já Zé Do entoava, satisfeito:
—*«Quem é, é... que não come o burrié?!.*

Mas, nis[illegible]rteiro do prédio, arvorado em [illegible]ro, resolveu reger o côro com a [illegible]... do seu uso.

CAROCHINHA NAMORADEIRA

I — Os papás da Carochinha, num constante sôbressalto, vendo-a sempre a namorar resolveram alugar um andar bastante alto.

II — Entretanto, a Carochinha, que, sendo esperta, é teimosa, com sua amiga Girafa descobre a forma engenhosa de namorar sem estafa.



III — E eis D. Girafa pronta para a tal combinação; enquanto chegando vão os pretendentes sem conta.

IV — Dêste modo a Carochinha, às ocultas dos papás, vê o noivo que lhe apraz, namorando à vontadinha.

No próximo número:

AVENTURAS DE CHICO E TONECA

— Por GRACIETTE BRANCO

SUAVE MILAGRE

Por MANUEL FERREIRA

Num país lindo e maravilhoso, «à beira-beira plantado», país onde as fontes suspiram lendas e onde o mar, apaixonado, afaga dòcemente as areias louras das praias, nêsse país construído por fadas e por donzéis, e onde a verdura colorida dos bosques e dos campos se casa com as néves brancas e lindas das serranias, país de encanto e de belezá, havia uma côrte deslumbrante de damas e cavaleiros, cujo rei era um divino poéta que cantava a beleza e guerreiro que manejava, brávamente, a espada.

Ora, nessa côrte, existia uma dama linda e virtuosa. O póvo acostumara-se a chamar-lhe santa. Quando el-rei se travava de questões com gente de sua raça, essa figura extraordinária de mulher surgia, como se fôra um anjo enviado por Deus.

Onde havia desespêro, luta, miséria, essa mulher aparecia, de improviso, levantando ao céu os olhos humedecidos e parecia ter umas ásas brancas, quando o vento lhe acariciava as dobras alvíssimas do manto.

E, como por milagre, a luta transformava-se em paz, o desespêro encontrava consolações e a miséria dava lugar à abundância.

— E' santa! — dizia o povo dêsse lindo país. — E' uma santa que desceu do céu à terra.

Vivia muito entregue às coisas do seu povo. O seu trôno era entre os infelizes e os mendigos, levando-lhes consolações e esmolas.

Um dia, dia lindo em que o sol brilhava dòcemente e em que as flôres tinham suáves perfumes, um bando de pobres acercou-se da santa.

Esta, sempre linda, sempre bondosa, caminhava, com a alma cheia de doçura e o regaço, cheio de moédas. Mas eis que dela se acerca o marido, el-rei, que lhe pregunta, em atitude de censura, por ela fazer esmolas tão repetidas:

— Que levais aí, senhora minha?

A nobre dama invocou o auxílio de Deus. Sorriu-se e abriu o manto

onde ocultava as ofertas. E o rei, estupefacto, viu que do regaço dela caíam não esmolas, mas rosas de aroma celestial.

— Rosas, senhor! — respondeu a virtuosa dama, enquanto as pètalas juncavam o chão, aromatisando aquela tarde maravilhosa.

Que dama tão linda e tão boa era essa que transformava as esmolas em rosas e as lágrimas em sorrisos?

Era a Rainha Santa Isabel, esposa de D. Diniz.

F I M

CARLITOS — 1.º DA AULA

Por ANIBAL NAZARÉ

Carlitos é mandrião,
faz gazeta quando calha,
e, na distribuição,
nunca apanha uma medalha!

Sua mamã
quando chega o fim do ano,
sempre apanha um desengano!
Há meninos tão bonitos,
que são sempre premiados,
só o Carlitos
fica
no grupo dos atrazados!...

Ora uma vez,
— foi há pouco mais dum mês,
depois duma reünião
de professores,
houve uma distribuição
de medalhas e louvores
aos alunos sabedores!...

Sabendo tal, a mãizinha,
estava muito anciosa,
a vêr quando o Carlos vinha...
E foi com bem dolorosa
surprêsa,
que viu o filho chegar
sem trazer prêsa,
junto do peito a brilhar,
a cobiçada medalha!

Sabendo que a mãe lhe ralha,
Carlitos vinha pensando
na maneira de escapar...
E logo, logo ao entrar,
foi explicando:

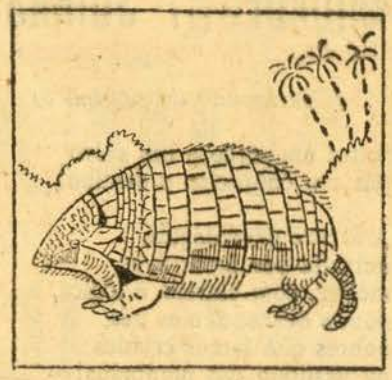
— Sabes, mamã?
Esta manhã,
quando houve distribuição
aos que foram os primeiros
nas variadas disciplinas,
mas que azar! Não imaginas!
chegou-se ao fim
e as medalhas não chegaram!
Faltou uma para mim,
e muitas outras faltaram!

— Sim? — diz a mãe já contente
e sorridente.
— Mas em que fôste o primeiro?
— Eu? Durante o ano inteiro,
fui sempre, sempre o primeiro
a seguir, numa corrida,
direitinho ao bengaleiro,
ao tocar para a saída!...

Acharam graça à resposta
que o Carlitos inventou?
Pois não queiram apanhar
os açoites que levou!...

F I M

CONCURSO DOS BICHOS



Uma Lição de Ciências

(Continuado do número anterior)

—«Também é útil? E' um animal feroz...» arriscou o João.

—«Pois sim, mas as sêdas aproveitam-se na industria. Do hipopótamo...»

—«Abre lá a boquinha!» — disse, rindo-se, o Alfredo

— «Esse mesmo. Tira-se dêle o marfim que se não é tão bom como o do elefante, também não é de má qualidade. O tapirete, o formigueiro e o kangurú são curiosos. Um tem um focinho que parece uma tromba, o formigueiro tem uma cauda felpuda e uma lingua enorme com que apanha as formigas e o kangurú tem as patas da frente muito pequenas, um saco na barriga onde transporta os filhos, as patas detrás enormes e dá saltos de dez metros!»

—«Ih! — disseram os rapazes, em côro.

—«Do cassuar, que é uma espécie de avestruz, tiram-se lindas penas. A coruja...»

—«Crédo! Cruzes! Uma ave tão agoureira...» — tremelicou o João.

—«...mas preciosa pelo auxilio que presta ao homem. Enquanto êle dorme, ela cuida dos seus interêsses.

—«O lagarto come, também, muito bicharia e o mesmo acontece ao camaleão.

—«Agora, um animal temível é a cobra de capelo...»

—«De cabelo? — preguntou o João.

(Conclui no próximo número)

MUSA INFANTIL

O Meu Tesouro

Meu caderno, meu tesouro,
embora sejas vèlhinho,
és para mim feito de ouro,
caderno, grande amiguinho.

Passavas noites comigo
à luz intensa e brilhante,
fôste sempre meu amigo
nos meus tempos de estudante.

Tu vèlhinho e eu, agora,
sempre triste por te vêr,
vèlhinho, meu peito chora,
recordo sempre a sofrêr.

A Maior Recordação

A maior recordação,
dos meus tempos de petiz,
é o qu'rido «Pim, Pam, Pum»,
que eu lia alegre e feliz!

Quando quero relembrar
os tempos que já lá vão,
vou depressa folhear
tão bela recordação.

Os «Pim-Pam-Puns» de Dezembro
desejam... «Ano Feliz»...,
Ai!... Como eu 'inda me lembro
dos meus tempos de petiz!

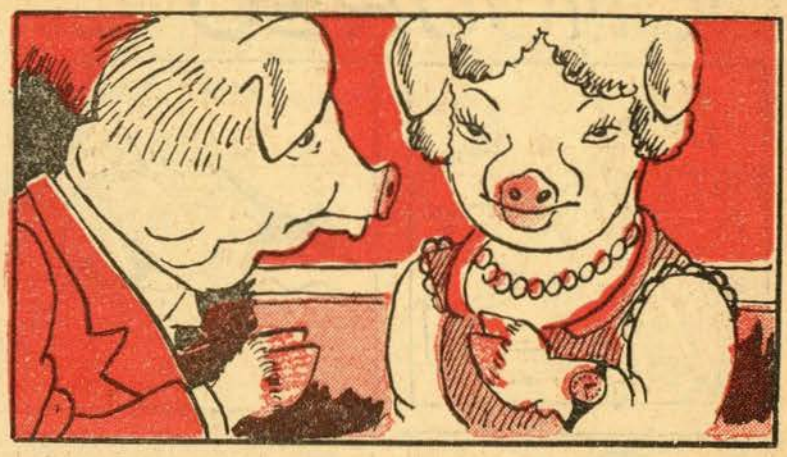
Postos todos a meu lado,
assim vou lendo um por um
e quem me evoca o passado
é o qu'rido «Pim-Pam-Pum»!

De todos de Portugal,
o mais belo do País
é o «Pim-Pam-Pum», afinal,
que eu lia alegre e feliz!

David de Almeida Pinto
Aluno dos Pupilos do Exército

VAIDADES... SUINAS

(Continuado da pagina 3)



Entre um porco e um suino
pôs um chiqueiro o destino!

A árvore genealógica,
deixada por meus avós,
mostra, com clareza e lógica,
donde descendemos nós,
nobres que fomos criados
na vastidão dos montados! —

A filha era uma menina
de formosura afamada.
Tinha a tromba pequenina
e a cauda encaracolada
em voltas cheias de graça
a provar a estirpe, a raça.

Dizia o pai: — Vejam bem:
sua cauda é uma beleza!
Cada voltinha que tem
são mil anos de nobreza!
Deu a volta inicial
no Dilúvio Universal. —

Era o dote dessa filha
uma riqueza tamanha:
bolota, aveia, lentilha
e dez sacas de castanha,
pitéus de fazer àguada
a tromba, a mais delicada.

Todo o porco casadoiro
andava numa poeira,
em constante fervedoiro
à volta da rica herdeira.
Comentava o pai: — Larvados!
Não dou pérola a cevados! —

Tal fama chegou a Sintra,
onde vivia um porquinho
espertalhão mas pelintra,
que meteu pés a caminho,
envergou rica farpela
e foi fazer côrte à bela.

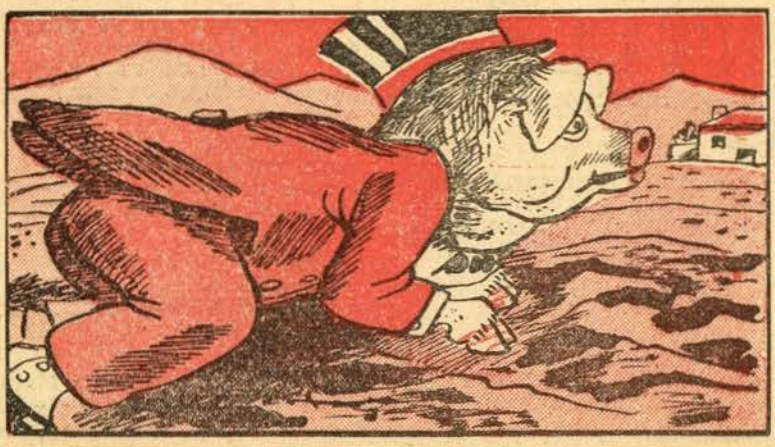
Disse ser um porco de algo,
de mui nobre gerarquia
e descender dum fidalgo
coevo da monarquia.
Nunca um seu antepassado
na lama tinha foçado.

Da família, o fundador
morrera em real serviço.
Dera seu sangue e sabor
para fazer um chouriço
que el-rei D. Afonso Henrique
comeu nos campos de Ourique!

Uma avó, marrã pequena,
com sacrifício e com dano,
a Filipa de Vilhena
sustentou durante um ano.
Da história, os porcos valentes,
eram todos seus parentes!

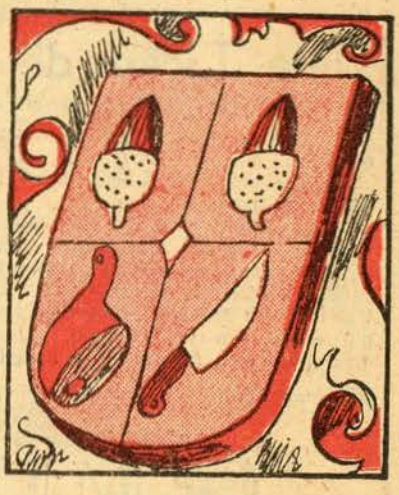
A sua verve exalava
de verdade um tal eflúvio
que D. Trombada pensava:
«Entre êle e eu, há o Dilúvio!
É porco sim, mas que tem?
se a sua nobreza é bem» (1)

(1) — bem — Expressão muito em voga.



Depois de ver-lhe o brazão
— oito bolotas a par —
e a insígnia de incitação
«Morrer, mais não chafurdar!»
cheio de contentamento,
consentiu no casamento.

Ao chegar o grande dia
dessa união tão igual,
fazia névoa, chovia...
A terra era um lamaçal!
Logo que o noivo isso viu,
não poude mais e... fugiu.



De casaca e chapéu alto,
sem nada lhe fazer mossa,
correu, depois deu um salto
e atolou-se numa poça.
Assim perdeu noiva e fama
para chafurdar na lama.

.....

Esta história vem provar
o que eu penso muita vez:
Devemo-nos contentar
em ser como Deus nos fez,
pois recorrer à mentira
não dá nada, só nos tira.

FIM